

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa	DIRECTOR BRANCO RODRIGUES	PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis
---	--	---

HISTORIA DOS INTERPONTOS

Quando Valentim Haüy adaptou a imprensa às necessidades dos cegos, o relevo linear não apparecia senão de um só lado da pagina; aconteceu o mesmo com o relevo pontuado de Carlos Barbier e de Luis Braille; este, todavia, pensou, desde a origem do seu systema, que se podia produzir a escrita nos dois lados de uma pagina, contanto que se deixasse uma linha por escrever entre duas linhas escritas.

Foi em 1834 que elle procurou inventar pautas para preencher o recto e o verso da mesma pagina por este processo interlinear.

José Levitte pensou, trinta annos mais tarde, em applicar o systema interlinear á impressão dos livros, formando o ponto simultaneamente com o mesmo punção sobre as duas partes de uma folha de cobre dobrada em duas, de maneira que para produzir o relevo as convexidades da primeira parte entrassem nas concavidades da outra.

Um modelo de impressão estereotypada interlinear appareceu na Exposição internacional de 1867. O Dr. Armitage pôs em pratica este processo, e em breve quasi todos os livros ingleses foram impressos por este modo.

O ganho obtido pela escrita interlinear é quasi de um terço, visto que a uma pagina de trinta linhas, escrita só de um lado, correspondem duas de vinte, escritas em ambos os lados do papel.

M. Ballu, notando a igualdade de espaço occupado por todos os sinais do Braille, pensou que as partes do papel não escritas no recto poderiam

sê-lo no verso, e depois de um minucioso estudo do nosso alfabeto convenceu-se que era preciso collocar os pontos no verso da pagina no espaço dos pontos da mesma pagina: a escrita dos interpontos foi descoberta em 1877.

Nove annos mais tarde mandou fabricar pautas para produzir esta escrita, e um certo numero de cegos tiraram logo disso partido, para manuscritos.

Assim como José Levitte utilizara a escrita interlinear para a impressão dos livros, M. Ballu quis beneficiar a estereotypia com o progresso que elle tinha realizado; sob sua direcção M. Balquet, o distincto estereotypador do Instituto Nacional, imprimiu uma folha que o *Progrès* enviou aos seus leitores.

A imprensa de *Luis Braille* teve alguns meses mais tarde uma pauta para estereotypar segundo este systema, e uma poesia de F. Coppée, *Uma Santa*, que a Associação Valentim Haüy publicou para os membros do congresso de 1889, foi o primeiro opusculo editado depois da invenção do systema. A experiencia teve tão excellente exito que, desde 1890, o *Luis Braille* e a *Revista Braille* teem sido impressos dos dois lados do papel, de sorte que ha um ganho de cincoenta por cento em relação ao processo interlinear, e de cem por cento em relação ao processo primitivo.

Outras impressas teem seguido o mesmo exemplo: desde 1893, o *Evangelho segundo S. João* foi estereotypado em Haya com uma rara perfeição; em 1897, a «*British and foreign Blind association*» publicou a *Viagem de Nansen*. Na Suecia, e em muitos outros paises, este processo foi igualmente empregado com bom exito.

A estereotypia apresenta muitas vantagens: barateza, facilidade de producção, clichés de conservação commoda; offerece os seguintes inconvenientes: nenhum operario pode ser perfeito; os pontos sendo algumas vezes mal collocados destroem os pontos da pagina opposta; e depois quem pode gabar-se de nunca omitir uma letra ou uma palavra? neste caso a correcção é difficil.

M. Balquet pensou muito tempo no meio de remediar estes inconvenientes, pela adopção do character movel no processo dos interpontos.

Lembrou-se, em 1893, de collocar sobre o mesmo character de impressão as convexidades e as concavidades, isto é, os pontos em relevo e os concavos.

M. Martin, então Director do Instituto Nacional, auxiliou M. Balquet, e a casa Peignot que tinha sabido fabricar o cubo do Cubarithmo fundiu uma

serie de caracteres com pontos em relevo e com os concavos; cada um dos typos tem seis concavidades, e o numero de pontos em relevo correspondentes a cada uma das letras do alfabeto Braille; assim o caracter mais carregado tem seis pontos em relevo e seis concavidades.

Nos caracteres recto, os pontos em relevo são collocados á esquerda e perto da margem superior, as concavidades mais á direita e mais perto da margem inferior; nos caracteres verso, os pontos em relevo são collocados á esquerda e perto da margem inferior, ao passo que as concavidades são collocadas mais á direita e mais perto da margem superior.

Cada um dos caracteres duplos do recto põe-se em um componedor, os do verso põem-se em outro.

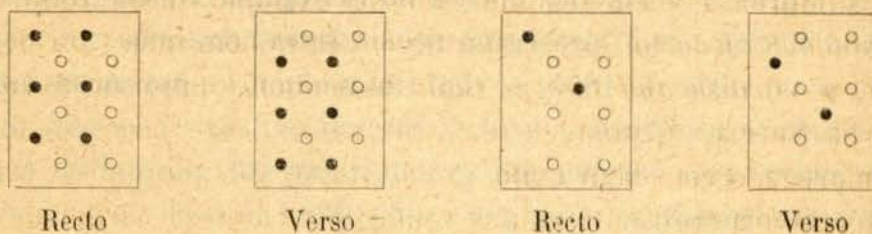
Quando os componedores estão cheios collocam-se um sobre o outro, e a folha de papel entre elles fica impressa de ambos os lados.

O programma do congresso de 1900 é o primeiro especime deste aperfeiçoamento da imprensa dos cegos.

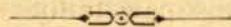
É certo que as pessoas que teem vista lêem difficilmente a impressão interlinearia e a impressão de interpontos.

Mas não é para essas pessoas que se imprimem livros em Braille.

O desenho junto representa dois caracteres recto e dois caracteres verso:



GUILBEAU.



O QUE UM CEGO VIU NA EUROPA

A carreira de James Hamilton, estudante cego do Instituto de Michigan, é notavel a todos os respeitos.

Em seguida a um accidente, perdeu a vista, ainda muito novo, e desde então entrou com energia na luta pela vida.

O exemplo que elle nos dá deveria animar todos os cegos a imitá-lo.

J. Hamilton é filho de R. James Hamilton, de Michigan.

Nasceu a 19 de outubro de 1872.

Na idade de 3 annos caiu enterrando as pontas de uma tesoura num dos olhos; em seguida a um tratamento mal feito perdeu o outro olho, e ficou completamente cego.

Aos 10 annos entrou para o Instituto de Lang Sing (Michigan), e ali ficou até que fez o seu exame de litteratura.

Durante os tres annos que ali permaneceu aprendeu tambem a fazer vassouras e a afinar pianos.

Veiu depois á Europa ganhando com o trabalho de afinar pianos o sufficiente para a viagem.

Estudou francês e allemão que fala correctamente.

Percorreu as partes mais importantes da Europa com grande vantagem e aproveitamento.

Affirma que um cego pode instruir-se muito, viajando; e diz que esta primeira excursão foi para elle uma verdadeira revelação mais util que os annos que passara no Instituto.

Nunca encontrou difficuldades para se transportar de um ponto para outro: todos os que encontrava eram cheios de amabilidades para elle, mostrando-se sempre dispostos a auxiliá-lo.

No seu regresso á America entrou no Collegio d'Albion e na Universidade d'Ann Harbor, onde proseguiu seus estudos classicos.

Casou-se no verão de 1895, e, com sua mulher, foi passar um anno a estudar em Italia e na Grecia.

Neste ultimo pais excitou um grande interesse, porque os cegos não fazem ali senão mendigar.

Admiravam muito a educação de J. Hamilton; foi elogiado nos jornaes do pais, e desde esse momento a multidão apinhava-se ansiosa para ver o cego que podia ganhar a sua vida sem mendigar.

Elle e sua mulher foram muitas vezes obsequiados pelos membros da nobreza, e por fim tambem pela Rainha.

Esta recebeu-os no Palacio Real com uma grande affabilidade fazendo uma serie de perguntas a Hamilton, pela sorte do qual ella tomava um vivo interesse; terminou a audiencia offerecendo-lhe a sua photographia.

J. Hamilton não somente é um afinador muito habil mas um musicó de grande merecimento, possuindo diplomas dos principaes Conservatorios da America e da Europa.

De cada leitura que ouve toma apontamentos, e a sua memoria é tão boa que pode conservar a lembrança da leitura de uma hora, e reproduzi-la com a maior exactidão.

Escreve com o auxilio do systema Braille, em media 20 palavras por minuto, e com a machina de escrever para as correspondencias ordinarias, 70 a 80 palavras por minuto.

É tambem athleta meritissimo e obteve 8 medalhas de primeiro premio como lutador.

Ganhou o campeonato do Estado em Ypsilanti.

É um homem energico e entusiasta; muitas pessoas gozando boa vista causariam admiração se desempenhassem só metade do que Hamilton sabe fazer.

Não se conforma nunca com o estar desoccupado; quando não se entrega aos seus estudos exerce o officio de afinador.

Desde a sua viagem ao estrangeiro escreveu: *O que um cego tem visto na Europa.*

Lê-se ali: «Esta conferencia é a narração das experiencias durante a minha primeira viagem que fiz completamente só.

Posso contar varias aventuras divertidas e ajuntar a isso tambem alguns conselhos acêrea da educação.

Reproduzi estas conferencias na maior parte das grandes cidades da America occidental.

A Rainha da Grecia mandou-me chamar e a minha esposa, por ocasião da nossa ultima viagem, para saber por nós alguns esclarecimentos acêrea da situação dos cegos no nosso país, para tratar de estabelecer um Instituto em Athenas.

Fomos recebidos com uma cortesia verdadeiramente real.

Se se puder reunir uma somma importante, sufficiente para dotar o Instituto, voltaremos a Athenas para sermos encarregados da sua direcção.

Gosto muito da maneira de viver do antigo mundo, e julgar-me-hei feliz se voltar á Grecia nestas condições.

Não ha hoje razão alguma para que um mancebo, mesmo cego, não possa criar uma posição no mundo.

Consagrarei para o futuro a maior parte da minha existencia a ensinar aos cegos, que lutam pela vida, o caminho para conseguirem bom exito».

(Extrahido de *Californian News*, de 16 de janeiro de 1897).

O TRABALHO MANUAL DOS CEGOS EM FRANÇA

Os officios manuaes em França foram os primeiros e, durante um certo tempo, os unicos ensinados aos cegos, porque Valentim Haüy não via na musica senão uma agradável distracção para os seus discipulos.

Mas com o tempo reconheceu-se que as profissões manuaes eram muito pouco lucrativas e que a musica offerecia uma carreira vantajosa. Foram, pois, a pouco e pouco, nos institutos, deixando exclusivamente os trabalhos manuaes aos alumnos privados de aptidão musical.

Todavia, quando veiu o generoso pensamento de arrancar á mendicidade os cegos adultos, o ensino destes trabalhos tomou um novo incremento.

Tal é nas suas importantes linhas a historia da questão de que nos vamos occupar.

Quasi ao mesino tempo que uma fabrica de fiação foi estabelecida nos Quinze-Vingts, Valentim Haüy começava (1788) a ensinar a seus discipulos a fiação, a fabricacção de cordas, a rede, o tricot, a costura e a encadernacção.

Fundou uma officina de impressão; os cegos imprimiam com um typo especial livros para seu uso, executavam tambem alguns trabalhos simples, como prospectos, etiquetas, participacções de casamento, etc.

O ensaio sobre a educação dos cegos, de Haüy, saiu igualmente desta officina, que foi transportada para o hospicio dos Quinze-Vingts e fechada, em 1810, por ordem do governo.

A officina de fiação dos Quinze-Vingts pouco produziu e desapareceu em 1805; os esforços do primeiro instituidor do ensino dos cegos não tiveram, pois, grande exito, mas o caminho estava aberto, e foi seguido apesar da partida de Haüy para S. Petersburgo e da fusão da escola com o hospicio dos Quinze-Vingts.

Esta fusão foi operada em 1800, pelo Primeiro Consul.

Durante os primeiros annos as crianças da escola foram empregadas nos trabalhos da fiação de lã; mas depois da suppressão desta officina em 1805, os discipulos cessaram com todo o trabalho manual e, como disse-mos, a propria officina de impressão desapareceu em 1810.

Em 1816 as crianças cegas foram retiradas dos Quinze-Vingts e instaladas na Rua de S. Victor, num local especial, e Guillié foi collocado á frente do novo Instituto.

Começaram então a ensinar aos cegos a fiação, o tricot, a fabricação das cordas e redes.

A costura, a encadernação, foram abandonadas, mas faziam então bolsas, chinelas e tapetes de linhagem, trabalhavam no fabrico de cestos, tapetes de palha e de junco, e no officio de palheiroiro.

Estes quatro ultimos officios eram reservados aos rapazes.

Em 1824, Guillié foi substituido pelo Dr. Pignier; sob a direcção deste, continuaram a ensinar os trabalhos introduzidos pelo seu predecessor e juntaram ali mesmo o fabrico de chicotes, cestos e chapéus de palha, chinelas de ourelo, de baetilha de algodão e de lã.

Convem, todavia, acrescentar que, entre todos estes officios, só o de cesteiro e o de palheiroiro eram os unicos que davam resultado.

Já o ensino musical começava a organizar-se por se ter pensado que era boa para os cegos a profissão de organista.

É preciso nunca esquecer que a classe de afinadores de pianos data desta epoca, e os resultados muito praticos que em breve deram estas duas profissões, fizeram pôr os trabalhos manuaes um pouco no segundo plano.

Dufau succedeu a Pignier em 1840.

Este director criou premios para os trabalhos manuaes, e introduziu tres novos officios: o de marceneiro, o de torneiro e o de fabrico de escovas.

Este ultimo officio só foi experimentado pelas raparigas, mas manteve-se alguns annos para rapazes. Se bem que reconheceu no seu discurso, pronunciado por occasião da distribuição dos premios em 1847, que dois cesteiros e um tecelão, antigos discipulos do Instituto, ganhavam a sua vida, o director supprimiu a officina de cesteiro e de fiação, e só conservou a do fabrico das chinelas.

É preciso notar que, em 1854, o operario cego Montal, que já tinha obtido uma medalha de ouro na «Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale», enviou um piano construido nas suas officinas á Exposição Internacional de Londres.

Guadet, que não foi director, mas somente chefe do ensino de 1855 a 1871, reduziu consideravelmente o numero dos officios; todavia, em 1858, fazia-se ainda malha de meia com agulha, renda, rede de pesca e de fantasia, cestos de palha, de filigrana, empalhavam-se cadeiras e faziam-se chinelas de ourelo; este ultimo officio servia só como primeiro exercicio de destreza.

Sabe-se que o officio de marceneiro e o fabrico de escovas, introduzidos por Dufau, já não existiam.

Guadet supprimiu todos os officios cujos productos eram de venda muito difficil, e em breve só se ensinava o tricot, o crochet, a rede de pesca e de fantasia ás raparigas; e o officio de torneiro, de palheiroiro e o fabrico de redes aos rapazes.

A encadernação dos livros em Braille, feita até ali no Instituto, foi igualmente supprimida.

Esta organização existe ainda, e é preciso notar que o fabrico da rede (pelo menos para os rapazes) e o officio de torneiro são apenas exercicios de destreza; porque são raros os exemplos dos cegos que tiram proveito destes officios.

Quanto aos trabalhos ensinados ás raparigas são pouco lucrativos, mas permitem-lhes nunca estarem ociosas e facilitam-lhes a sua collocação como professoras e organistas nas communitades religiosas.

Para ser completo devo mencionar, antes de acabar de falar do Instituto de Paris, que em 1878 foi lá organizado o ensino do fabrico de pianos.

Os afinadores acabam ali a sua instrucção, aprendendo a pôr as cordas e a fazer alguns reparos no mecanismo do piano.

Nestes ultimos annos tentou-se ensinar aos cegos a typographia vulgar, mas este ensaio foi infructifero.

Até 1838, o Instituto de Paris foi a unica escola de cegos que existiu em França.

Desde então, foram fundadas 26 escolas, mas o ensino dos trabalhos manuaes é pouco mais ao menos o mesmo que o que é ministrado actualmente no Instituto Nacional.

Todavia, em Clermont-Ferrand, fazem-se tambem grades de arame e rede á machina; em Arras, numa officina-asylo, fazem-se cestos grandes e vassouras; em Marselha, objectos de vidrilhos, coroas mortuarias; finalmente, em Toulouse, experimentaram com bom resultado o fabrico de vassouras de sorgo.

Mas as duas escolas que existiam, em 1840, não podiam receber a totalidade das crianças cegas.

Para aquelles que não podiam achar logar, e para aquelles que a cegueira fere depois da idade escolar, era necessario fazer alguma cousa, e fez-se.

(Conclue no proximo numero).